



“Diferenças Sexuais” na Educação Física: abrindo a Caixa de Pandora

Eric Seger de Camargo¹
Orientador: Henrique Caetano Nardi²

¹ Bolsista de Iniciação Científica – CNPQ- Edital 476827/2012-4 Contato: eric.w.seger@gmail.com

² Professor PPG Psicologia Social e Institucional

Método

O Projeto “Subjetivação e Experiência: análise de ações dirigidas à redução da homofobia e do heterossexismo na educação”, desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX), teve como um de seus objetivos, ao longo de 2013 e 2014, analisar materiais didáticos em relação ao seu conteúdo sobre diversidade sexual e de gênero e disponíveis para professores/as em livre acesso.

Um dos campos a ser analisado é o da Educação Física. Portanto, alguns dos materiais em foco são artigos relacionados à aptidão física, os quais são utilizados no embasamento teórico para orientar a prática de profissionais desta área. Tomaremos como exemplo para demonstrar nosso argumento, artigos referentes à relação entre força muscular e flexibilidade, no qual a noção de “diferenças sexuais” se mostra particularmente explícita. Na análise buscaremos descrever como agem os pressupostos que permitem que estas diferenças sejam mantidas pela lógica metodológica escolhida pelos artigos analisados.

A metodologia utilizada centra-se na análise das redes enunciativas a partir de Foucault interrogando-as em relação à forma como tratam a questão de sexo/gênero, buscando encontrar no discurso os parâmetros que configuram o sentido do que é “ser homem” e o que é “ser mulher”, bem como a legitimidade conferida a diversas construções de corpos sexuados marcados por um gênero. A partir desta análise, busca-se entender como se conformam as hierarquias entre gêneros, corpos e sexualidades que sustentam as manifestações de sexismo, heterossexismo e cissexismo.

Será utilizado para orientar a análise a matriz de inteligibilidade entre corpo (sexo) e gênero, como proposta por Butler.

O comportamento da curva até aproximadamente 82° demonstra uma correlação inversa, ou seja, quanto menor a amplitude articular maior o número de repetições realizadas. O comportamento da curva se inverte quando a amplitude é de, aproximadamente, 82° a 97°, indicando que os indivíduos com maior amplitude articular realizavam maior número de repetições, sugerindo uma correlação positiva.

Os resultados mostraram que a força muscular máxima é maior nos homens do que nas mulheres, independente dos grupos musculares avaliados. Por outro lado, em relação à flexibilidade, as mulheres têm, de forma global, maior flexibilidade do que os homens, dados estes que corroboram a literatura^{3,4}. Uma contribuição original do presente estudo é a demonstração de que a diferença entre mulheres e homens quanto à flexibilidade localiza-se nos movimentos do quadril, coluna e membro inferior, mas não existe nos movimentos de membro superior e ombro.

Quando o artigo analisa dados do mesmo grupo que se pressupõe como homogêneo (por critério de “sexo”) a hipótese de diferença de resultado se baseia em critérios de angulação, cuja diferença não resulta de uma “diferença” essencial entre os sujeitos.

Quando a amostra é constituída por dois grupos supostamente coesos entre si de “sexos diferentes” a única hipótese que orienta a análise da diferença entre os grupos é este pertencimento de sexo/gênero.

Inicialmente, deve-se atentar para o fato de que os sujeitos da amostra não realizavam atividades físicas regulares. No entanto, deve-se considerar que nas atividades realizadas em brincadeiras cotidianas durante todo o processo de crescimento e desenvolvimento, os homens habitualmente realizam atividades que solicitam mais “trabalhos” de força do que as mulheres, fato este claramente observado em nosso meio, onde, por exemplo, as meninas são matriculadas no balé, enquanto os meninos vão para o judô ou para o futebol. Este último fator, por si só, já pode ser um determinante cultural na diferença da flexibilidade entre os sexos. Considerando as premissas anteriores e acrescentando ainda que, para grande parte da amostra do sexo feminino deste estudo, estes foram os primeiros exercícios contra-resistência realizados sistematicamente, esse fato pode explicar, ao menos parcialmente, a magnitude dos resultados para o sexo feminino em relação à redução da flexibilidade.

Embora o artigo reflita sobre as possíveis influências culturais exercidas sobre os corpos, ele ainda assim não questiona a homogeneidade dos grupos analisados, e não propõe novos critérios para análise dos dados, como por exemplo, a experiência prévia com exercícios e autoatribuição de masculinidade ou feminilidade dos sujeitos estudados. Assim, carrega em si, o sentido automático de “diferenças entre sexos”.

Conclusões

A partir das estratégias de inteligibilidades demonstradas, os artigos mantêm a rede de enunciados que atribui pré-discursivamente características corporais baseadas em dimorfismo sexual, sem considerar o efeito das normas de gênero, e da relação da agência do sujeito com estas normas, na materialidade dos corpos. Pessoas cujos corpos divergem destes pressupostos, como por exemplo, pessoas intersex (cujos corpos não se enquadram no que é considerado padrão de “macho” e “fêmea”) e pessoas trans (pessoas que foram designadas como sendo de um sexo/gênero no nascimento, mas não obedecem a essa designação) não são inteligíveis para este tipo de lógica metodológica e, portanto, não são reconhecidas como sujeitos iguais em direitos enquanto alvo de intervenções pedagógicas e corporais no campo da Educação Física. Além disso, esta ininteligibilidade produz um vazio na formação que pode formar educadoras/es incapazes de orientar pessoas que não se encaixam no padrão binário e universalizante que orienta este tipo de pesquisa na área.

Referências

- BARROS, A. T.; AMORIM, P. R. S. Efeitos crônicos do treinamento contra resistência sobre a flexibilidade de indivíduos não atletas. *Revista Mineira de Educação Física*, v. 8, n. 2, p. 53-64, 1999.
BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
CARVALHO, Ana Cristina Gouvêa, et al. Relação entre flexibilidade e força muscular em adultos jovens de ambos os sexos. *Rev Bras Med Esporte*, Vol. 4, Nº 1 – Jan/Fev, 1998.
FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
LIMA, M.A., Silva, V.F. Correlação entre resistência de força e flexibilidade dos músculos posteriores de coxa de desportistas amadores de futebol de campo. *Fitness & Performance Journal*, v.5, nº 6, p.376-382, 2006.
NARDI, Henrique C. (2014). Nas bordas do humano: lutas pelo reconhecimento e capturas identitárias. In: Alessandro Rodrigues; Catarina Dallapicula; Sérgio R. da S. Ferreira. (Org.). *Transposições, lugares e fronteiras em sexualidade e educação*. 1ed., p. 213-225. Vitória: EDUFES.